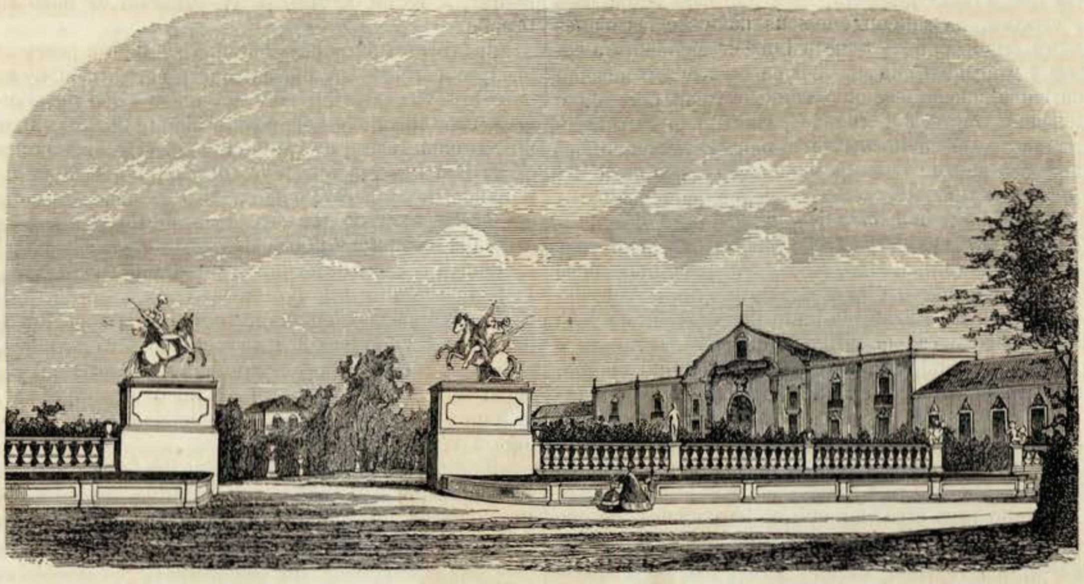


Entrada da real quinta de Queluz

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Conclusão. Vid. pag. 243)

QUELUZ, O PALACIO E QUINTA REAL

Esta gravura representa a entrada da real quinta de Queluz, e já lhe fizemos a noticia quando démos a estampa do corpo central da fachada do palacio que deita para o lago de Neptuno. [1] Ao que hoje acrescentaremos, para completar a noticia d'esta sumptuosa residencia, que a entrada não corresponde á grandeza do edificio, e que desdiz absolutamente da magnificencia das salas.

O palacio tem tres fachadas para este jardim, que é vastissimo, e decorado de muitas estatuas, lagos, vasos, e balaustradas de marmore. Adorna-lhe o centro o lago de Neptuno, cercado com uma linda gradaria de marmore, e aformoseado com varios grupos de figuras, avultando no meio a estatua do deus dos mares. Apresenta um bello effeito quando de todas essas figuras sáem repuxos de agua, que se elevam e se cruzam em fórmas variadas e graciosas. N'este genero de recreio não ha em Portugal quinta alguma que offereça tanta variedade como a de Queluz.

D'este jardim passa-se a outro, não menos vasto, e tambem ornado com riqueza, o qual lhe fica ao lado, e se estende por diante de outras fachadas do palacio. Ambos os jardins tem saida para o parque.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FERNÃO DE MAGALHÃES

(Vid. pag. 266)

Démos a palavra ao incorrecto chronista das *Lendas*, para lhe ouvirmos narrar, em sua rude mas pittoresca linguagem, as coisas da expedição desde que largou das costas hespanholas até ao ponto da conjuração.

[1] A pag. 241.

«A qual armada concertada com a gente paga por seis mezes, partiu de San Lúcas (San Lúcar) de Barramedo em agosto do anno de 1519. Com que navegou as Canarias e fez aguada. Onde estando lhe chegou um barco com cartas de seu sogro em que lhe dava aviso que tivesse em sua pessoa boa vigia, porque tinha sabido que os capitães que levava disseram a seus amigos e parentes, que se elle os anojasse que o matariam e se levantariam contra elle. Ao que lhe respondeu que elle lhes não fazia aggravos porque elles tivessem razão de o fazer; que por acaso elle os não fizera, mas os regedores lh'os deram, que os conheciam; que bons, ou maus elles trabalhariam por fazer o serviço do imperador que a isso offereceram a vida. A qual resposta o sogro mostrou aos regedores, que muito louvaram o coração de Magalhães.

«Partiu-se das Canarias de Tenerife e foi demandar o Cabo-Verde, d'onde atravessou á costa do Brasil e foi entrar n'um rio que se chama Janeiro... E d'aqui foram navegando até ao cabo de Santa Maria, que João de Lisboa descobrira no anno de 1514, e d'aqui foram ao rio de S. Julião, onde estando tomando agua e lenha João de Carthagena, que era sota capitão-mór se concertou com os outros capitães que se levantassem, dizendo que o Magalhães os levava enganados e vencidos. E porque elles entendiam que o Gaspar de Quesada era amigo de Magalhães, o João de Carthagena se metteu no seu batel de noite, com vinte homens e se foi á nau de Gaspar de Quesada e entrou a fallar com elle, e o prendeu e fez capitão da nau um seu parente, para logo todos tres irem abalroar o Magalhães e o matarem. E logo renderiam a outra nau de João Serrano e tomariam o dinheiro e fazenda, que esconderiam e se tornariam ao imperador, e lhe diriam que o Magalhães os levava vendidos e enganados, fazendo traição a seus regimentos, porque ia navegando pelos mares e terras del-rei de Portugal: do qual feito primeiro haveriam seguro do imperador. Com que se ordenaram na traição que lhe saíu mal». [1]

Usou Fernão de Magalhães de extrema severidade

[1] Gaspar Corrêa *Lend. da Ind.* t. II, p. II, pag. 628.

para com os capitães, que se haviam alevantado contra elle e andavam apostados para o matar. Foi summarissimo o processo, com que os sentenciou a pena capital, porque nem houve sequer allegação, antes sem que n'isso cuidassem, nem houvesse tempo para prevenções, os salteou em seus navios e fez n'elles justiça cruelissima. Porque a Luiz de Mendonça o colheu á traição, e em sua mesma caravella o degolou com uma adaga (segundo conta Gaspar Corrêa), o meirinho Ambrosio Fernandes, com quem se concertára para este effeito o capitão-mór. E chegando Magalhães á nau de Luiz de Mendonça, *com a gente armada e artilheria prestes* [1], elegeu para capitão a Duarte Barbosa *homem portuguez seu amigo*, e *mandou enforcar nas vergas seis homens, que se alevantaram contra o meirinho, e pendurar pelos pés o corpo de Mendonça que o vissem das outras naus.* Veiu depois Fernão de Magalhães junto da caravella de João de Carthagena, e por ardil de que usou para evitar um recontro, onde poderia derramar-se muito sangue, entrou na embarcação e ao Carthagena prendeu e *mandou esquartejar com pregão de traidor;* e elegeu por capitão a Alvaro de Mesquita, que o rebelde castelhano *tinha preso em ferros, porque o reprehendeu do alevantamento que fazia.*

É muito para acreditar que os hespanhoes, de que pela maior parte se compunha a tripulação, tivessem ojeriza ao capitão-mór, porque sendo portuguez, posto que homem principal e promotor da expedição, recebêra o governo d'aquella empreza. O que já succedêra com o genovez Colombo, agora com maior rigor e desacato á auctoridade de que ia revestido, o intentaram os rebeldes capitães contra Fernão de Magalhães. Já muito de antemão iam os castelhanos apparelhados para a desobediencia e rebellião, como claramente o patenteavam as cartas recebidas pelo Magalhães em Tenerife. Não era apenas a vida que o illustre portuguez havia de perder, se chegasse a vingar a sedição dos hespanhoes. Era a propria empreza em que se empenhava, e a gloria que já sonhára para si, e os loiros immortaes de ousado aventureiro e de feliz descobridor. Dissimular a conjuração e esperal-a resoluto, era dar a victoria segura aos inimigos. Reprehender nos sediciosos o mau feito que intentavam, e oppor o prestigio moral da auctoridade á força material dos conspiradores, era arriscar-se a ver desacatada a auctoridade de sua pessoa, e entregar, com resignação de bom christão, mas com imprevidencia de mau soldado, a cabeça ao ferro dos conjurados, e a idéa ao desamor e desamparo de quem tinha delineado trocar a gloria propria, e o serviço do imperador, por alguns punhados de oiro, com que se volveria á patria.

A necessidade obriga muitas vezes os que governam a parecerem duros de coração para não faltarem aos essenciaes deveres do cargo e a tornarem cruenta a justiça em alguns maus para salvarem de maiores calamidades a muitos bons e innocentes, e sobre tudo para levarem a cabo a traça de que depende uma nova conquista social. A idéa, com ser immaterial e ao parecer, inerme e inoffensiva, tem deixado muitas vezes na sua marcha triumphante um sulco de sangue em seu caminho.

Absolvamos pois o nosso Fernão de Magalhães do que teve de cruel o seu procedimento, e sigamol-o outra vez em sua derrota.

A 24 de agosto de 1520 se fizeram de novo ao mar as caravellas.

Pouco depois naufragou, na violencia de uma borrasca, a nau *Santiago*, em que ia o piloto-mór João Serrano, sem que houvesse que lastimar a perda da tripulação e da fazenda.

[1] Todas as palavras em italico são de Gaspar Corrêa e acham-se nas *Lend. da Ind.* tom. II, part II, pag. 629.

Navegaram as quatro caravellas que ainda restavam, até darem fundo n'um rio a que pozeram nome Santa Cruz, e guarecendo-se alli contra os temporaes, e fazendo aguada e provisão do que a terra podia ministrar, a 18 de outubro se aventuraram de novo ao Oceano.

Em breves singraduras deram vista de um promontorio, e por ser em dia em que a egreja celebra as onze mil virgens, lhe pozeram nome *Cabo das Virgens*, com que ainda hoje é conhecido, e demora quasi no extremo austral do continente americano. Notaram os da nau *Victoria* que a sul do cabo o mar se ia internando. Reconhecida então a costa, se descobriu que era alli a boca de um estreito a que os homens da caravella chamaram ao principio *estreito da Victoria.* [1]

Mandou o capitão-mór que as tres naus, *Concepion*, *Victoria* e *Santo Antonio*, se fossem a alcançar noticias mais exactas d'aquelle estreito, em quanto Magalhães na *Trinidad* os ficava esperando por cinco dias, e indo as caravellas pelo estreito dentro, succedeu rebellar-se a tripulação contra Alvaro de Mesquita, que ia n'uma d'ellas por capitão, prendendo-o e fazendo-se logo á vêla para Hespanha.

«D'este rio [2] (diz Gaspar Corrêa) lhe fugiu a nau de Mesquita, que não soube se o mataram ou se foi por sua vontade; mas um adivinhador *estrolico* [3] lhe disse que o capitão ia preso e se tornaram para Castella, mas que o imperador lhe faria mal». [4]

Voltaram as duas naus trazendo ao capitão-mór aprazíveis novas ácerca do que suppunham ser estreito.

Como não chegava a caravella de Mesquita, esteve o capitão-mór á sua espera por muitos dias, até que tomando conselho com os outros capitães, determinou engolphar-se no estreito, e navegando sem descobrir em uma e outra costa outros signaes de habitadores, mais do que os fogos que via accesos sobre os serros, saíu a final no Mar do Sul, a 27 de novembro de 1520, depois de ter gastado vinte e dois dias n'esta derrota.

O estreito novamente descoberto recebia o nome de Magalhães, que ainda hoje conserva, e mais uma gloria portugueza ficava memorada nos fastos da moderna geographia.

VI

Um portuguez descobriu o Oceano navegando sempre desde Hespanha, sem haver como Balboa descoberto das alturas de Quarequa, no isthmo de Panamá, aquelle mar desconhecido. [5]

Magalhães atravessou o Pacifico (que assim ficou sendo chamado aquelle mar péla fama de bonançoso), trazendo nas suas aguas no rumo de noroeste uma loxodromia de mil e oitocentos e cincoenta myriâmetros da nossa actual medida itineraria, e na vasta região que se chama Polynesia. Por 16° e 15′ de latitude deu vista de uma ilha deserta, a que chamou de S. Paulo, e mais adiante em 11° e 18′ passou n'outra ilha, a que poz nome dos Tubarões.

Navegando sempre a noroeste passou Fernão de Magalhães a 13 de fevereiro de 1521 o equador, e chegando aos 13° de latitude boreal, descobriu um ar-

[1] Gaspar Corrêa diz que lhe pozeram o nome de *rio da Victoria*. «Então se partiu do rio e correu ao longo da costa até chegar a um rio, a que poz nome da *Victoria*, que tinha a terra alta de ambas as bandas». *Lendas da India*. tom. II, part. II, pag. 630.

[2] Gaspar Corrêa chama rio n'este logar ao estreito de Magalhães, como se deprehende do que diz mais adiante: «Então o Magalhães, com os tres navios, que tinha, se foi pelo *rio* dentro, porque correu passante de cem legoas e *saíu da outra banda do rio*».

[3] Astrologo.

[4] Gasp. Cor. *Lend. da Ind.* tom. II, part. II, p. 630.

[5] Alguns dias depois de haver Balboa descoberto o Mar do Sul o hespanhol Alonso Martin achando um caminho desde Quarequa até ao porto de S. Miguel, foi o primeiro europeu que sulcou o Mar do Sul navegando sobre elle n'uma canoa. Petr. Martyr d'Anghiera. Epist. DXL p. 296. Acosta. *Compendio historico del descubrimento de la Nueva Granada* pag. 49. Humboldt. *Tableaux de la Nature* Trad. de Galusky. tom. II, p. 372. Nota 18.

chipelago, a que chamou *ilhas dos Ladrões*, por lhe parecer que os indios seus habitadores eram mui inclinados á rapina.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 273)

CAMPO PEQUENO E CAMPO GRANDE

Tornando ás barreiras de S. Sebastião da Pedreira, e tomando pela estrada do Rego, que por um curto espaço corre parallela á de Palhavã, chega-se ao Campo Pequeno, tendo-se deixado á esquerda o recolhimento de Nossa Senhora do Rozario, fundado no logar do Rego em 1770 por Margarida das Mercês, para n'elle se recolherem mulheres arrependidas.

O *Campo Pequeno*, assim denominado para differença do *Campo Grande* que lhe fica visinho, é plano e muito espaçoso. Por todo o lado do norte guarnece-o a bella propriedade composta da excellente casa e quinta do sr. Francisco Isidoro Vianna. O lado do sul é occupado com o palacio e quinta dos srs. condes das Galvêas. É uma das melhores residencias dos suburbios da capital pela belleza da sua situação, pelo aspecto nobre e grandioso do palacio construido no seculo xviii, e pelos jardins e bosques da quinta, ricos em arvores exoticas. Infelizmente esta quinta acha-se muito mal tratada, póde dizer-se desprezada, não obstante servir de permanente habitação aos seus proprietarios.

Pelo lado de léste do campo, que é orlado de casas, passa a estrada que vae das barreiras do Arco do Cego ao Campo Grande e Lumiar. N'esta estrada, entre as barreiras e o Campo Pequeno, vê-se o padrão das pazes del-rei D. Diniz com seu filho, o infante D. Affonso, ajustadas pela rainha Santa Isabel no proprio logar onde estava prestes a romper a lucta parricida. [1]

É o Campo Pequeno destinado para exercicio dos corpos da guarnição de Lisboa. N'elle se tem realisado brilhantes funcções em solemnisação de anniversarios e consorcios reaes, ou em obsequio de algum principe estrangeiro que vem visitar a capital. Este campo está pedindo varios melhoramentos, de facil execução, com os quaes póde vir a ser um lindo passeio, sem perder a sua qualidade de campo militar.

A pouca distancia está o *Campo Grande*, chamado antigamente *Campo de Alvalade*.

O padre Bluteau, no seu *Vocabulario Portuguez*, refere a etymologia d'este nome do modo seguinte.

«Dizem que a este (campo) se deu o nome de Alvalade da sua demarcação, a que estava presente um dos reis de Portugal, o qual mandou que murassem tudo o mais que não comprehendiam as medidas do tal campo, dizendo em linguagem d'aquelle tempo *Al valade*, que vale mesmo que *valae* ou *murae o que fica fóra d'elle*».

No tempo em que Bluteau escreveu isto, que foi no principio do seculo passado, chamava-se indistinctamente aquelle sitio Campo de Alvalade ou Campo Grande.

Foi plantado de arvoredo no reinado de D. Maria i, por ordem de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro do reino, e que ao diante foi creado primeiro conde de Linhares. Posteriormente, em differentes epochas, fizeram-se-lhe varios outros aformoseamentos. Terá de extensão quasi um kilometro e meio. É fechado com um muro baixo por todos os quatro lados, tendo seis grandes portas de ferro, duas lateraes em meia distancia do seu comprimento, pouco mais ou menos, e duas em cada um dos extremos, que dão ingresso para as ruas principaes. Compõe-se este passeio de ruas de bosque, algumas com muita largueza para o transito de carruagens e cavalleiros, de diversos jardins com seus lagos, e de grandes viveiros de arvores silvestres, dos quaes tem fornecido a camara municipal arvoredo para os passeios publicos e praças de Lisboa, e para as estradas do municipio.

No primeiro quartel d'este seculo foi por muitas vezes theatro este campo do divertimento predilecto dos inglezes — as corridas de cavallos. Foram introduzidas por elles, e faziam-se com todo o apparato ao uso de Inglaterra, d'onde se mandavam vir os cavallos mais corredores, e os pagens (jockey) mais ageis e mais leves apostando-se sommas consideraveis. N'essas funcções que se faziam nos domingos de verão, era pequeno aquelle vasto campo para conter as carruagens e a multidão que alli affluia da capital e dos suburbios. Em tempos mais modernos, haverá uns vinte annos, pretendeu-se renovar e tornar nacional esse divertimento, e fizeram-se algumas corridas, que attraíam muita concurrencia, porém eram apenas como uma sombra das antigas.

Em outubro faz-se n'este campo uma feira, que principia no segundo domingo d'esse mez, e dura 15 dias, e ás vezes mais. Foi outr'ora uma das mais importantes feiras do paiz. Alli concorriam de todos os pontos do reino os variados productos da industria manufactora, e muitos da industria agricola. Hoje acha-se esta feira muito reduzida pela creação dos mercados nas terras principaes do paiz, pela facilidade das communicações, e pelo desenvolvimento do commercio interior. Entretanto a feira é sempre mui concorrida, como objecto e sitio de diversão.

Tem este campo uma triste celebridade em a nossa historia, pois que foi o logar escolhido para os exercicios das tropas destinadas á desgraçada expedição de Africa. Nos primeiros mezes do anno 1578 alli ia todos os domingos el-rei D. Sebastião passar revista e exercitar nas armas o exercito que se foi perder com elle nas planicies de Alcacerquibir.

Em torno do passeio do *Campo Grande* corre a estrada publica, orlada de palacios, casas de campo e jardins. D'entre estas edificações avultam duas mais notaveis. O *Asylo de D. Pedro* v, e o palacio do sr. Manuel Joaquim Pimenta. O primeiro dedicado á infancia desvalida, foi fundado por alguns bemfeitores d'aquelle sitio, a instancias do sr. Vianna Pedra, para solemnisar e commemorar a auspiciosa acclamação delrei o sr. D. Pedro v, o bem amado do povo. O segundo foi edificado no seculo passado, dizem que por ordem e a expensas del-rei D. João v para servir de residencia a certa dama de sua amizade. É uma bella construcção, de architectura nobre, regular e bem ornamentada. A quinta corresponde ao palacio na grandeza e nas decorações dos jardins.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

[1] Vid. pag. 327 e 348 do vol v.

CHRONICAS DO POVO

IV

O APRENDIZ

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Conclusão. Vid. pag. 268)

V

Tendo o sr. Karlmam saído para verificar se todas as precauções estavam bem tomadas, Frederico ficou sósinho no quarto para onde o director o tinha conduzido. Sobravam-lhe desejos de ver seu irmão, porém com que pretexto havia de saír, onde o havia de en-

contrar? Por instantes lembrou-se de confessar tudo ao patrão; mas podia ser que Francisco tivesse mudado de projecto e já não tomasse parte no crime. N'este caso a confissão de Frederico deshonrava-o sem necessidade. A pobre criança resolveu-se a esperar pelos acontecimentos, confiando na bondade de Deus.

O sr. Karlmam appareceu outra vez. Estava tudo disposto para prevenir o roubo. Os caixeiros e alguns contramestres da fabrica estavam emboscados nos differentes sitios do pateo, para onde deitavam as janellas do escriptorio, e eram em numero sufficiente para se apoderarem com facilidade dos ladrões. O sr. Karlmam levou Frederico para o escriptorio: o pobre moço seguiu-o sem fazer observações, e esperando sempre que o acaso lhe offereceria occasião de ser util a Francisco, se porventura elle apparecesse tambem.

Uma hora decorreu, pouco mais ou menos, sem que coisa alguma annunciasse a chegada dos operarios. Hora de angustias horriveis para Frederico, a quem o mais leve ruido motivava de um tremor.

A obscuridade e o silencio que reinavam no quarto faziam-lhe comprehender melhor a gravidade das circunstancias, e gelavam-n'o de pavor; era mais do que podiam supportar as forças de uma criança. Tinha-se extenuado de todo n'aquelle dia, e o seu pobre coração já não era bastante para padecer; pareceu-lhe que estalava quando no relogio visinho bateu uma hora, e que um leve ranger de ferramenta deu a perceber que pretendiam arrombar os postigos. O sr. Karlmam tambem ouviu este ruido e aproximou-se da janella. Frederico levantou-se por um movimento espontaneo; em seguida deixou-se cair na cadeira, quasi com o tino perdido.

Esta agonia prolongou-se por muito tempo. Os operarios com receio do ruido abalavam os postigos da janella devagarinho, e só conseguiram arrombal-os passado muito tempo. Então caíram no chão os pedaços de um vidro quebrado, e o sr. Karlmam deu um apito. O tumulto que se seguiu provou que a ordem communicada por aquelle signal fora executada. Logo em seguida ouviram-se alguns gritos e um tiro de espingarda. A este som, o sr. Karlmam saíu precipitadamente do escriptorio. Frederico até esse momento não se achára com forças para se mexer. O roçar de um corpo, que pretendia introduzir-se pela abertura feita na janella, arrancou-o ao torpor em que se achava. Viu Francisco diante de si!

— Desgraçado, exclamou elle, o que vens aqui fazer?

— Salva-me, disse Francisco desorientado, salva-me!

— E como te hei de eu salvar?

De repente acudiu-lhe uma lembrança ao pensamento. Havia uma porta que deitava do escriptorio para o jardim; achou-a ás apalpadellas, arrastou Francisco comsigo, e levou-o correndo para um sitio onde o muro de separação era pouco elevado.

— Parte, disse ensinando-lhe o caminho. E não te demores em Mulhouse. Os teus complices foram presos, denunciar-te-hão de certo.

— Adeus, gritou Francisco de cima do muro.

E desappareceu.

No dia seguinte, todos os culpados, á excepção de Francisco, foram entregues á justiça; e Frederico, segundo as ordens do sr. Karlmam, apresentou-se no gabinete do director.

Este mandou-o sentar ao seu lado, e depois de lhe ter vivamente agradecido, disse-lhe que pedisse sem receio a recompensa que quizesse. O rapaz hesitou por alguns instantes, mas animado pelo sr. Karlmam, disse-lhe com voz tremula:

Tinha um grande favor a pedir-lhe, sr. Karlmam, era se me deixava assistir ás lições de seus filhos.

— Amanhã mesmo, disse o sr. Karlmam, has de começar. Ha muito tempo que te percebi já esse louvavel desejo de te instruires, e segundo creio has de por isso conseguir uma boa posição no mundo. Segundo o que me contaste hontem, querias ser gravador; espero que continuando a trabalhar has de ir mais adiante.

Que alegria causaram aquellas palavras á pobre criança. Desamparado até então, e só com a paciencia por unico recurso, encontrava finalmente protecção. Fallavam-lhe n'um futuro a que podia mirar, e facilitavam-lhe os meios. Com difficuldade pôde articular alguns agradecimentos entrecortados, mas juntou as mãos com tanto fervor, volveu para o seu director olhares de tão grande reconhecimento, que elle apreciou bem quanto o aprendiz se considerava agradecido.

— És um excellente rapaz, Frederico, disse apertando-lhe a mão; tenho a certeza de que me não hei de arrepender nunca do que hoje te concedo.

Como lhe promettêra, apresentou-o na manhã seguinte aos seus dois filhos e aos seus mestres. O serviço que havia pouco prestára áquella familia, a prova de elevação de sentimentos que déra, mesmo na escolha da recompensa, fallavam mui poderosamente em seu favor, e faziam com que fosse acolhido com solicitude pelos professores e pelos discipulos. Louvaram-lhe muito a nobre emulação, e empenharam-se todos, como se se tratasse de um divertimento ou de um ponto de honra, de auxiliarem o aprendiz, e de contribuirem para a sua instrucção.

O habito que Frederico contraíra de ligar as suas differentes observações com um centro commum, fazendo d'elle ponto de partida para outras, foi tão util aos seus novos estudos como já lhe fôra nos precedentes. Este methodo de proceder sempre pelo raciocinio, costumára-o a achar facilmente as consequencias ou as causas logicas de um facto, e preparava-o maravilhosamente para o estudo das mathematicas e das linguas. Fez pois rapidos progressos n'estes dois ramos de instrucção, mas não com detrimento de outros trabalhos. A historia, a geographia, o desenho não foram postos de parte; o desenho principalmente era pela sua applicação ligado de mais á mathematica para que Frederico deixasse de se occupar d'elle com zelo, tanto que em pouco tempo ficou apto para copiar as machinas mais complicadas.

No fim de tres annos de lições estava a par dos filhos do sr. Karlmam. Já sabia arithmetica e geometria, e estava estudando statica. Sem conhecer todos os recursos da lingua, escrevia entretanto com alguma correcção.

Os seus condiscipulos, que eram mais novos, um dois annos outro quatro, desvaneciam-se com os progressos d'elle, e tratavam-n'o mais como companheiro do que como protegido. E se estas relações affectuosas provinham em grande parte da bondade do coração d'aquellas crianças, o comportamento do antigo aprendiz contribuia tambem em grande parte para as conservar. Mostrava-se tão modesto nos seus triumphos, tão complacente sem baixeza, tão dignamente reconhecido, e ao mesmo tempo tão cuidadoso em evitar qualquer obsequio novo, que fôra para envergonhar fazer-se-lhe sentir a sua condição de dependente.

Quando chegou aos dezoito annos promoveu-o o seu patrão á classe de contramestre. Era tão sobrio e tão poupado, que apesar de se vestir com mais aceio do que os seus companheiros da officina, realisou em pouco tempo algumas economias, que empregou na compra de livros, de instrumentos de mathematica e de aprestos indispensaveis para os seus estudos. Foi dia de grande contentamento para elle, quando pôde occorrer a estas despezas, e diminuir d'este modo o encargo que o sr. Karlmam quizera tomar para si.

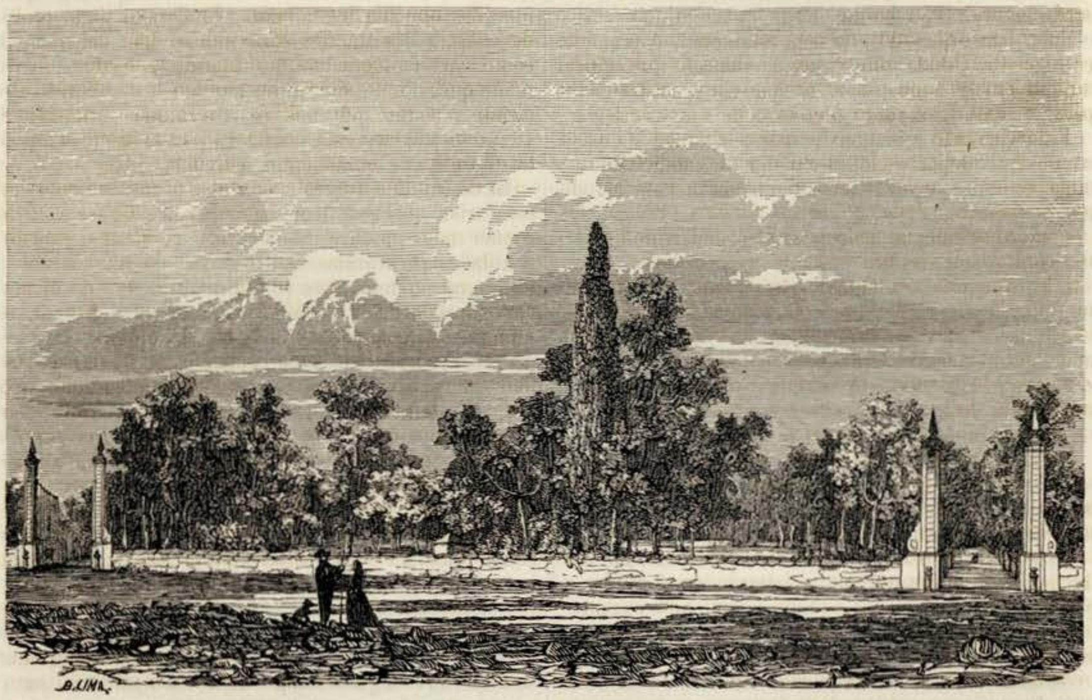
Já lhe não dava cuidado o futuro, fosse elle qualquer que fosse. Dispunha de recursos que lhe não faltariam nunca. Com tanto que a mão de Deus se não desviasse d'elle e que a doença não viesse atacal-o, já nada tinha que recear, porque todos os meios humanos de progredir estavam na sua mão.

VI

Era n'uma d'aquellas tardes claras e quentes tão communs em Mulhouse, e n'aquella hora em que os operarios, saindo das fabricas, vão para as collinas que estão de um e outro lado do canal, e d'ahi entoam coros que se prolongam por todo o valle.

Frederico, com uma pasta nos joelhos, passava a limpo uma planta que tinha desenhado n'esse dia. E não era porque não gostasse tambem de passeios e de canticos. Quando os ares estavam assim, cheios de perfumes, sentia muitas vezes, depois de um comprido dia de trabalho, desejos de ir respirar pelos vinhaes: mas por muito innocente, por muito permittido que lhe fosse este prazer, tivera em muitas occasiões animo de o renunciar.

Nos dias em que as alegrias do campo convidavam a passear, tomava os seus livros ou a sua pasta de desenho, e sentava-se para trabalhar n'um banco que estava á porta de Odile Ridler. Via d'ahi um bocadinho de campo, respirava ar mais puro, ouvia o



Entrada do passeio-publico do Campo Grande do lado de Lisboa

chilrar de alguns passarinhos da cidade, e isto para elle, que estava costumado a uma reclusão continuada, era conforto e alegria.

Na tarde a que nos referimos estava Frederico sentado no seu logar do costume; trabalhava com ardor, porque o dia estava a acabar, e desejava concluir antes da noite o trabalho que encetára.

Era a planta de uma das machinas mais complicadas da casa Karlmam. A respiração de uma pessoa que se inclinava sobre o seu hombro veiu arrancal-o á sua applicação; levantou a cabeça e viu um estranho que estava olhando com toda a attenção para o seu desenho.

— Em que fabrica se acha a machina que está representada n'esta planta? — perguntou elle.

— Na do sr. Karlmam, respondeu-lhe Frederico.

— E como foi que a obteve?

— O sr. Karlmam permitte que eu tome parte nas lições com seus filhos.

— Então deve ter na sua pasta grande parte das plantas de machinas?

— Todas, pouco mais ou menos.

— Não se me dava de as ver.

Frederico abriu a sua pasta obsequiosamente, e mostrou ao desconhecido os desenhos que ella continha. Este, depois de os ter examinado com a mais escrupulosa attenção, disse-lhe:

— Não está aqui a planta da grande machina que o senhor Karlmam mandou vir de Inglaterra, ha de haver dois mezes.

— Depois de amanhã é que a copiâmos.

— Diga-me, meu amigo, póde arranjar-me uma copia d'esses desenhos?

— Tenho muito pouco tempo de meu, entretanto como mostra tanto gosto, farei a diligencia.

— Desejava principalmente a copia da grande machina em que lhe fallei ha pouco; mas como o tempo tem valor, quero pagar-lhe esse trabalho. Aqui tem, continuou apresentando-lhe tres moedas de oiro, isto é por conta, depois combinaremos em preço mais elevado.

A vista do dinheiro fez estremecer Frederico e despertou-lhe suspeitas; não era possivel que lhe pagassem tão caro os desenhos se os não quizessem para algum fim. Aquelles planos iam servir de certo para a feitura de machinas que podiam trazer uma concurrencia fatal ao seu patrão, até mesmo desgraçal-o.

A pobre criança tremeu com o pensamento do mal que poderia ter causado por imprudencia, e reunindo á pressa os desenhos espalhados, metteu-os para a pasta, que fechou com todo o cuidado.

O interlocutor olhou para elle com espanto e apresentou-lhe de novo as tres moedas em oiro.

— Agradeço-lhe, disse Frederico, mas não posso acceitar similhante offerecimento. Reflecti agora em que ia dispor de uma propriedade que me não pertence, e que não tenho direito para o fazer. Dirija-se directamente ao sr. Karlmam, elle está mais no caso que eu de ajuizar se o seu pedido lhe prejudica os interesses.

O desconhecido conheceu que Frederico lhe tinha adivinhado as intenções.

— Comprehendo, disse-lhe, o motivo da sua recusa. Sabe que os fabricantes costumam esconder as machinas das suas officinas para que os outros industriaes as não vejam. Receia provavelmente que o seu director o despeça apenas souber que me entregou esses desenhos; mas posso-lhe offerecer vantagens de tal ordem, que se for despedido ficará com a sua sorte segura. Offereço-lhe desde já na minha fabrica o dobro do ordenado que está ganhando, e prometto entregar-lhe ainda em cima a quantia que quizer no dia em que me passar ás mãos a planta que lhe pedi.

Frederico não quiz ouvir mais; agarrou na pasta com vivacidade, e lançando ao desconhecido um olhar em que a vergonha se misturava com a indignação:

— Não sei nem atraiçoar nem vender-me, disse-lhe com voz tremula.

E entrou precipitadamente para casa da viuva Ridler.

Alguns dias depois d'esta scena o sr. Karlmam mandou chamar Frederico ao seu gabinete.

— Onde estão todas as plantas que desenhaste em companhia de meus filhos? — perguntou-lhe.

— Na minha pasta.

— Traze-as cá.

Frederico foi buscar a sua pasta, que entregou tremendo, ao director, porque percebeu que havia no tom com que este lhe fallava o que quer que fosse.

O sr. Karlmam folheou todos os desenhos, e á medida que os ia examinando soltava novas exclamações.

— Que imprudencia a minha, murmurou, o que aqui está era bastante para me deitar a perder.

— Quando acabou de examinar tudo, voltou-se para Frederico perguntando-lhe severamente:

— Houve quem te propozesse a venda de algum d'estes desenhos.

— Sim, senhor.

— E não me fallaste em similhante coisa?

— Pensei que não valia a pena.

— Que recompensa te offereciam?

— A que eu pedisse.

— E recusaste?

— Recusei, sim, senhor.

— Sem hesitar?

— Hesitar fôra covardia.

— Dá-me a tua mão, Frederico, exclamou o sr. Karlmam estendendo as suas para o rapaz. — És um coração nobre. Conheço todos os pormenores d'esta perfidia. Andei imprudentemente, meu amigo, outro que fosse menos honrado do que tu, ter-me-hia perdido; mas agradeço-te a tua probidade. Agora não és já criança, segundo o que me disseram os teus professores, e mesmo pelo que eu tenho visto não deves continuar a ser contramestre. De ámanhã em diante virás habitar para minha casa; a minha mesa será tua, continuarás a ser condiscipulo de meus filhos, e receberás ordenado correspondente á tua nova posição.

A começar do dia seguinte, despediu-se Frederico effectivamente da velha Ridler, a quem não deixou sem derramar lagrimas, porque a sua felicidade não lhe fazia esquecer a bondade com que o tratára, e por isso continuou a mostrar-se reconhecido pelos cuidados que d'ella recebêra, e não deixou de ir todas as semanas visitar a sua velha hospedeira, levando-lhe algum presente.

VII

Passaram muitos annos ainda sem que a situação de Frederico fosse alterada. A sua intelligencia, que elle continuára a applicar a estudos de arte, ou a trabalhos positivos, assumíra um desenvolvimento notavel; e o nosso operariosinho, que doze annos antes não conhecia uma letra sequer, era agora considerado como um dos rapazes da sua edade mais sériamente instruido.

De dia para dia se felicitava o sr. Karlmam pelo ter em casa. Nunca tinham sido desempenhadas, as funcções que lhe incumbiam agora, com tanta probidade e dedicação. De sorte que o não considerava como caixeiro, era amigo da familia, o companheiro mais querido de seus filhos, o seu digno émulo. Os acontecimentos que nos restam ainda para contar, vieram fortalecer esta confiança e esta affeição, mostrando até que ponto eram merecidas.

Havia muitos mezes que o fabricante se apresentava triste, e Frederico, por cujas mãos passavam as contas todas da casa, começava a perceber certas difficuldades pecuniarias nos negocios do seu patrão.

Em pouco tempo as suas declarações particulares, as expressões de inquietação que lhe escapavam, as numerosas reclamações dos seus banqueiros esclareceram Frederico de todo, convencendo-o de que se não tratava só de uma difficuldade momentanea, mas sim de uma d'aquellas crises commerciaes que abalam as fortunas mais solidas. Não tardou muito a occasião em que o sr. Karlmam em pessoa lhe não viesse tirar as derradeiras duvidas.

Recolheu um dia, á hora de jantar, mais acabrunhado ainda do que o costume. Quando acabou de comer chamou a seu filho mais velho e a Frederico para o seu gabinete.

— Em menos de dois mezes, disse-lhes, já este estabelecimento me não ha de pertencer. Feita a venda ainda me fica com que pague todas as dividas, mas se esperasse algum tempo mais, não tardaria que o passivo excedesse o activo. As novas machinas do sr. Zinberger arruinaram-me de todo; os seus productos mais bellos e mais baratos do que os meus são os que tem venda agora. Por algum tempo sustentei a concurrencia; por muito perigosa que fosse para mim, sempre contei fazer algumas modificações nas minhas machinas; porém todas as tentativas foram vãs; uma lucta mais longa torna-se impossivel. Apenas os meus livros estiverem em dia, annunciarei a venda d'esta fabrica. É bem penoso para mim, depois de tantos annos de trabalho, ver desapparecerem os sonhos todos de fortuna que phantasiára para meus filhos; mas em meio de tantas esperanças destruidas, sinto menos apertado o coração quando penso que ficam pagas todas as dividas, e que com este desastre só minha familia e eu padecemos. Tu, Frederico, acrescentou estendendo a mão ao rapaz, não deixas de ser nosso amigo, assim o espero; mas bem vês que é necessario separarmo-nos. Não me dá cuidado o teu futuro, com o talento que tens não te hão de faltar empregos; mas esta separação é mais um desgosto para mim, porque estava costumado a considerar-te como terceiro filho.

— Deixal-o-hei, sr. Karlmam, disse Frederico com voz triste, mas firme, quando estiver convencido de que lhe sou inutil; espero todavia que essa occasião não ha de chegar tão cedo. Pensemos nos seus negocios; póde ser que o perigo que o ameaça não esteja tão imminente quanto lhe parece. Os meus poucos annos fazem com que eu esteja inexperiente

ainda nos negocios; entretanto, se me atrevesse a dar-lhe um conselho, dir-lhe-ia que não apressasse muito essas determinações. Quando se olha por muito tempo e com attenção, encontra-se quasi sempre o remedio ao lado do mal.

— Remedio para mim não ha nenhum, disse o sr. Karlmam, abanando tristemente a cabeça; podem vel-o, com os seus olhos, porque aqui tem os meus livros particulares, esses é que estão no caso de lhes darem conhecimento da minha situação.

E abriu-lhes os livros.

Frederico passou a vista por elles com distracção. Bem sabia que não se tratava de erro de contas; já conhecia a grande causa do mal, e estava cuidando já nos meios de a remediar.

Recolhendo ao seu quarto, mal se despediu do sr. Karlmam, deitou-se transtornado n'uma poltrona. Em quinze dias, disse comsigo, estarão fechadas as contas da casa e o estabelecimento em venda. Quinze dias, meu Deus! Quinze dias só! Como hei de resolver similhante problema em tão pouco tempo, como hei de aperfeiçoar as machinas de fórma que possa conseguir o fabrico menos custoso, e productos mais perfeitos? Não me abandoneis, meu Deus, porque só vós sabeis quanto devo ao homem que desejo salvar.

Tanto por gosto como por necessidade do officio, era a mechanica, de todas as sciencias positivas, aquella de que Frederico se preoccupára mais. Tinha até n'este ponto conhecimentos profundos; mas a tarefa que se impunha não reclamava sciencia só. Era preciso encontrar o que o acaso deparára a outro; cançar-se em combinações pelas quaes poderia achar-se outra vez no ponto de partida depois de muito trabalhar. Mas que importava isso ao animoso rapaz? Queria salvar um homem, e caminhava com ardor para o seu fim. Repellia todas as duvidas, todos os receios como pensamentos maus; achava-se forte porque sabia quanto póde a vontade contra quaesquer obstaculos.

Passaram-se dez noites em trabalho continuo, noites de angustia e de febre, durante as quaes viu Frederico desapparecer mais de vinte vezes a solução do problema que imaginava já a ponto de ter vencido. Comtudo tantos esforços sem fructo, tantas decepções crueis não trouxeram comsigo o desalento. Só lhe restavam alguns dias; mas até á ultima hora quiz esperar, porque tirava forças da sua virtuosa confiança.

Que vos direi, em resumo? Só os maus pensamentos são estereis. Os sentimentos generosos sempre dão fructo, e o reconhecimento deu talento a Frederico. O meio, em cuja busca tantos haviam falhado, appareceu-lhe, apesar d'elle não querer acreditar no seu descobrimento. Percorria com uma especie de desvairamento as linhas traçadas diante de si; o seu socego, a sua razão, que o não tinham abandonado em tantas indagações impotentes, faltavam-lhe agora na occasião das alegrias. Apertava com uma especie de loucura os papeis de encontro ao peito; julgava ás vezes que a sua felicidade era uma illusão que o exame de qualquer deitaria por terra; não podia levantar-se da cadeira, não se atrevia a sair do seu quarto, nem a perguntar se se tinha enganado.

Parte da noite passou-a elle n'este atroz duvidar de si mesmo; finalmente, quando rompeu o dia, quiz saber ao certo se as suas esperanças tinham fundamento ou não, e deitou a correr para o quarto do sr. Karlmam.

— Aqui tem, exclamou aproximando-se da cama do director, veja este plano de uma machina nova, e diga-me se não passa de sonho.

E em seguida caíu extenuado n'uma cadeira, e n'uma angustia terrivel de duvidas e de esperanças.

Ao passo que o sr. Karlmam ia examinando os papeis, ia-se-lhe a physionomia tornando mais pallida, as mãos mais trémulas, e conhecia-se-lhe nas feições aquella contracção que indica a passagem de um grande soffrimento para uma felicidade inesperada. Logo que observou os papeis todos, voltou-se para Frederico com os olhos humidos.

— Não, não é sonho, disse elle, é uma obra de genio, e mais do que isso, é obra que salva uma familia da miseria. É grande a lição que dás aos filhos do povo, Frederico; mostraste-lhes quanto póde a vontade ajudada pela dedicação.

E descobrindo a cabeça encanecida, acrescentou n'um d'aquelles impulsos de enthusiasmo que o enternecimento concede ás vezes aos homens menos expansivos:

— Eu te saudo, filho do pobre! Eu te abençôo e te peço que me acceites por teu pae, tu que me salvaste como se fosses meu filho!

VIII

A casa Karlmam é hoje uma das mais florecentes de Mulhouse. Toda a sua prosperidade é devida ao invento de Frederico, e aos activos cuidados com que elle continua a administrar o estabelecimento. As especulações que hão emprehendido, tem provado sempre, até hoje, habilidade e segurança de juizo. O sr. Karlmam, seu sogro, deposita n'elle confiança illimitada.

Um unico pesar veiu turvar-lhe a felicidade. Desde que seu irmão o deixára, não obtivera mais noticias d'elle; mas, por occasião do seu casamento, um artigo de jornal lhe deu os primeiros e ultimos esclarecimentos sobre uma existencia que vira com tanta magoa separar-se da sua.

Dizia-se alli que a diligencia de Francfort para Paris fôra atacada por um bando de ladrões, que os viajantes se tinham defendido corajosamente deixando alguns dos bandidos mortos. Vinham tambem os nomes d'estes, entre os quaes figurava o de Francisco Kosmall.

Frederico não póde reter as lagrimas, pensando n'aquelle com quem partíra do mesmo ponto, que fôra abençoado pela mesma mãe moribunda, e que por culpa propria tivera destino tão contrario ao seu!

PEDRO MASCARENHAS

(Vid. pag. 272)

Pedro Mascarenhas foi a Malaca deixar os feridos que trazia da tomada de Bintão; e, depois de reparar as naus, seguiu a sua derrota para Goa, onde devia tomar posse do governo da India.

Em março da 1527 surgiu na barra de Cochim, e logo o vedor Affonso Mexia lhe mandou em um catur o thesoureiro e os escrivães da feitoria, os juizes e vereadores da cidade, os quaes, chegando ao galeão de Pedro Mascarenhas, salvaram com apito uma só vez, e não duas como a governador. O que ouvindo elle, disse: «Não vem este catur de boa parte, pois me não faz honra de governador».

Entrando, fizeram suas cortezias, e Pedro Mascarenhas os mandou sentar a todos em bancos, na tolda, estando elle n'uma cadeira. Então o thesoureiro, que trazia o recado do vedor, se levantou com o barrete na mão, dizendo: «Senhor, aqui somos vindos por mandado de Affonso Mexia, capitão de Cochim, para dizer a vossa mercê coisas que cumprem ao serviço del-rei nosso senhor. Pelo que, senhor, peço licença para as dizer».

Pedro Mascarenhas, vendo que lhe não fallava por

senhoria como a governador, lhe respondeu: «Vós a quem trazeis esse recado?» E o thesoureiro lhe respondeu: «A vossa mercê.» Mascarenhas lhe retorquiu: «E eu quem sou?» Tornou-lhe o thesoureiro: «Vossa mercê é o sr. Pero Mascarenhas». Este replicou-lhe: «E não sou governador da India?» O thesoureiro lhe respondeu: «Senhor, isso me não pergunte vossa mercê a mim; que só direi o recado a que sou mandado. Cumpre ao serviço del-rei nosso senhor...

Pedro Mascarenhas atalhou-o dizendo: «Olhae, não vades fóra do caminho que deveis ao serviço del-rei. O thesoureiro continuando, apresentou a provisão de Lopo Vaz de Sampaio, a qual dizia, que se Pedro Mascarenhas quizesse ir a terra como simples capitão, se lhe fizesse toda a honra, mas que logo ao outro dia se embarcasse para Goa, onde se trataria das coisas da governança; e que, não querendo elle obedecer, se não consentisse o desembarque.

Então Mascarenhas, voltando-se para os vereadores, perguntou-lhes o que fariam; e respondendo-lhe que executavam o que deixára ordenado Lopo Vaz, mandou pelo seu ouvidor lavrar um auto de tudo o que se passára, o qual foi assignado por todos. E depois, mandando buscar uma boeta, tirou d'ella a successão que tinha del-rei, e os juramentos e menagens que lhe haviam feito, o que tudo mandou ler, perguntando se aquelles instrumentos eram falsos ou verdadeiros. Respondendo todos que eram verdadeiros, disse elle: «Agora quero que me digaes aqui onde estaes, quem é o governador da India?» A esta pergunta ficaram todos em confusão; e só o thesoureiro disse: «Senhor, a isso responda a cidade de Cochim, que aqui está por seus vereadores». O vereador Manuel Lobato respondeu: «Senhor, a cidade obedece a tudo o que el-rei nosso senhor manda».

Esta resposta mandou Pedro Mascarenhas escrever; depois do que lhes disse, que visto ser elle o legitimo governador da India, o tinham desacatado vindo com tal recado; e que por isso haveriam a justiça que seus erros mereciam. E logo os mandou prender a todos no galeão; mas como dessem suas razões e desculpas, os soltou, e que fossem para suas casas, privados dos cargos que exerciam.

O vedor Affonso Mexia, assim que soube da prisão dos vereadores, mandou repicar o sino da fortaleza, a que acudiu toda a gente com armas, em grande alvoroço, bradando elle: Traição, traição ao serviço delrei; pedindo que o ajudassem a defender aquella fortaleza e cidade del-rei que lh'a queriam tomar. Ao que todo o povo correspondeu dizendo — que como capitão que era, os mandasse, que elles obedeceriam até morrer pelo que fosse serviço del-rei, cujos vassallos eram.

Pedro Mascarenhas, que não sabia do que se passava em terra, embarcou-se em dois bateis, levando o seu ouvidor e meirinhos com suas varas; e elle vestido de aljubeta de solia, com um barrete redondo e umas contas na mão, porque ia á egreja por ser dia de missa. Antes de atracar, chegou-se a elle um tone com intimação de Affonso Mexia para que soubesse que todos quantos saíssem a terra haviam de ser mortos ás lançadas.

Mascarenhas affrontou-se muito com este recado, e com palavras agastadas disse ao mensageiro: «E como! Affonso Mexia me tolherá que vá ver a Deus, o que se não póde tolher a hereges que querem ser christãos, quanto mais a nós que o somos! Que elle não ia mais que ver a Deus; e que se os matassem morreriam martyres. E foi remando para terra.

O vedor, logo que recebeu o recado do tone, mandou outra vez repicar o sino, saíndo á praia todo o povo da cidade, muitos a cavallo e com armas; e elle Affonso Mexia com adaga e lança.

Os bateis de Pedro Mascarenhas, com a corrente, foram ter defronte do mosteiro de Santo Antonio, e querendo chegar á praia lhe atiraram da fortaleza com um falcão, que passou por cima da cabeça de Pedro Mascarenhas. Affonso Mexia, mettendo o cavallo na agua, bradou: «Senhor Pero Mascarenhas requeiro-vos da parte del-rei que não desembarqueis d'esse batel, e vos torneis aos navios, se não faço juramento de vos matar».

Mascarenhas não respondeu, e mandou chegar á terra; e ahi se poz ao hombro de um marinheiro, e assim fizeram os outros. Affonso Mexia, vendo Pedro Mascarenhas em terra, abaixou a lança para elle, e o matára se lhe não deitára a mão um clerigo chamado Carneiro, que saíu da egreja com a sua sobrepelliz, para pacificar aquella briga, vendo que era de christãos contra christãos; mas não teve tanta força que evitasse uma ferida que Pedro Mascarenhas recebeu nos peitos, com o que caíu na agua; levantando-o os marinheiros, e levando-o outra vez para o batel, a tempo que Affonso Mexia recolhia a lança para dar outro bote, em cujo manejo cortou os dedos das mãos ao clerigo, que ficou bradando: sacrilegio! sacrilegio!

Todos os que acompanhavam Pedro Mascarenhas se embarcaram com agua pelo pescoço; indo muito mal ferido Jorge de Mello, parente de Mascarenhas, e o meirinho, que esteve á morte; e mais oito feridos, sem nenhum arrancar da espada. O que vendo Pedro Mascarenhas, exclamou, com as lagrimas nos olhos, e com muita paciencia: «Por isto se diz arraial de villa». Curados os feridos, mandou pelo seu ouvidor fazer um auto de tudo que se passára, o qual remetteu a Lopo Vaz com uma carta queixando-se do que lhe fizera Affonso Mexia, e avisando-o de que partiria d'alli para Goa.

Tal é, em resumo, o que mui por extenso escreve Gaspar Corrêa ácerca do que em Cochim fizeram ao valoroso conquistador de Bintão. Nenhum dos outros historiadores da India é tão explicito. Mas Diogo do Couto, posto que mui conciso em toda a narrativa que faz d'este attentado, o reprehende n'estes termos:

«Aquelle a que tanto numero de inimigos não podéra fazer nojo, virem os amigos, em sua propria cidade, desembarcando elle pacificamente, a o affrontarem e maltratarem, coisa foi nunca imaginada de portuguezes, e menos castigada de todas as que vimos; sendo ella digna de um exemplar castigo; porque, quando n'esta nossa historia se lesse um caso tão abominavel, se achasse logo junto d'elle a justiça, para que visse o mundo quão inteiramente os reis de Portugal a guardam com todos; e que assim como sabem remunerar serviços, assim tem por obrigação castigar culpas e delictos». [1]

Não nos parece fundado este queixume, porque Lopo Vaz foi bem punido pelo que fez a Pedro Mascarenhas, como para o diante se verá.

Tanto que em Goa se soube do ferimento feito a Pedro Mascarenhas, e que Lopo Vaz dera ordem para o metterem em ferros, logo que chegasse áquella cidade, houve grandes ajuntamentos a favor d'elle; e de tal ordem, que Lopo Vaz, temendo que o matassem, reforçou a guarda da sua residencia, estando toda a noite á vigia vinte espingardeiros; e saía sempre acompanhado por uma escolta de oitenta homens.

Gaspar Corrêa diz que a cidade andava tão revolta, que se atreveram a pôr um escripto á porta de Lopo Vaz que dizia: *Lopo, despeja a casa a seu dono, que vindo é o Messias dado por el-rei nosso senhor a nós seu povo.* Tambem lhe punham escriptos na rua direita, e nas portas da cidade, de grandes doestos, e desenganos de que havia de entregar o que não era seu; com o que Lopo Vaz andava mui atormentado.

[1] Decada IV. l. II. c. V.

(Continua)